



*«É preciso que saibamos assumir que a margem de manobra do imperialismo é facilitada pelos nossos próprios erros»*

# A estratégica dupla do Imperialismo no Zimbabwe

análise do Presidente Samora Machel sobre a actual  
situação na África Austral com incidência sobre o Zimbabwe  
- 15 de Setembro 1978.

«O imperialismo no Zimbabwe actua com dois destacamentos operacionais: Smith com os seus lacaios e a Grã-Bretanha com os seus parceiros. A sua estratégia operacional é ter sempre presentes duas soluções: uma solução interna e uma solução internacional.

Quando uma das alternativas está na iminência de conduzir à solução do problema, o imperialismo põe em movimento a outra alternativa.

Quando a situação interna é difícil para o regime, surge uma proposta que visa fazer crer ser a solução internacional a via mais rápida à libertação do Zimbabwe.

Quando a solução internacional está em vias de se concretizar, e Smith não tem, nesse plano, mais campo de manobra surge sempre uma tentativa de solução interna. Smith aparece, então, como disposto a entregar o poder. O imperialismo encoraja a alternativa e arquiva todo o processo anterior».

Para o imperialismo, o «apartheid» na África do Sul, o colonialismo na Namíbia e o domínio dos colonos no Zimbábwe estão historicamente condenados.

A conveniência táctica, a necessidade de sobrevivência quotidiana do capitalismo, determina a inevitabilidade da sua aliança com tais regimes.

Na África Austral, o imperialismo vive mais um dilema.

Trata-se da contradição entre as suas alianças tácticas e o objectivo estratégico de preservar e intensificar a hegemonia política e económica.

Conhecemos bem este problema no período da dominação colonial no nosso País. O imperialismo vivia a contradição apoiando de forma consequente o colonialismo português no plano económico e militar, mas mantinha uma permanente ambiguidade no plano diplomático por forma a não se deixar arrastar pela queda inevitável do colonialismo.

Observamos presentemente a tentativa do imperialismo em encontrar a fórmula que lhe permita uma solução de compromisso para a actual conjuntura na África Austral.

O esforço da máquina de propaganda ocidental, ao nível da opinião pública, concentra-se em reduzir a situação da nossa zona ao problema da supremacia das minorias brancas.

O imperialismo pretende que Namíbia e Zimbábwe sejam vistos, por um processo de simplificação e por analogia com a África do Sul, como países em que o que está em discussão é meramente o regime de minoria. A natureza colonial e ilegal dos regimes actuais na Namíbia e Zimbábwe é assim mascarada. A luta armada de libertação nacional é agitada no Ocidente capitalista como a bandeira da guerra racial nesta parte do Mundo, como um conflito que opõe extremistas brancos a extremistas pretos.

O imperialismo mantém, deste modo, a sua opinião pública preparada para legitimar, em qualquer momento, uma eventual intervenção directa.

O imperialismo projecta-se como firme adversário dos regimes minoritários e racistas mas como tutor das vidas dos colonos e dos seus bens, como garante de uma solução sem sobressaltos.

É assim que o imperialismo propõe, como possível, a coexistência entre a libertação dos Povos da África Austral e a manutenção da actual estrutura económica e social de exploração e humilhação.

É preciso que saibamos assumir que a manobra do imperialismo é facilitada pelos nossos próprios erros.

Os nossos erros fundamentais derivam da tradicional boa vontade e honestidade africana. Há quinhentos anos que recebemos em África como irmãos, como homens, gente que muitas vezes vem com o objectivo de dominar e explorar.

Com o mesmo espírito recebemos nos últimos anos dirigentes britânicos e, depois, dirigentes norte-americanos que nos trouxeram as suas propostas sobre

a solução para a África Austral e em particular, para o Zimbábwe.

Os países da «Linha da Frente» e o Continente Africano em geral receberam esses dirigentes e as propostas com honestidade e boa fé. No caso concreto do Zimbábwe o regime é tão desumano e odioso que nos convencemos de que tínhamos realmente um inimigo comum. Estávamos convencidos de que para todos nós o obstáculo à libertação do Zimbábwe era Smith e o seu regime ilegal. Pensávamos que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América podiam estar ao nosso lado no apoio à causa da libertação do Povo do Zimbábwe e no afastamento do regime ilegal de Smith.

A nossa franqueza, a lealdade com que os países da «Linha da Frente» procuraram aconselhar britânicos e norte-americanos, permitiu ao imperialismo aperfeiçoar a sua estratégia, permitiu ao imperialismo as manobras com que até agora conseguiu preservar o regime de Smith.

Para o imperialismo, o objectivo principal da sua acção não é derrubar Smith. Para o imperialismo, o objectivo principal é destruir o Movimento de Libertação, é destruir qualquer forma de organização que permita ao povo libertar-se.

## II

A estratégia do imperialismo tem sido, afinal extremamente coerente.

O imperialismo no Zimbábwe actua com dois destacamentos operacionais: Smith com os seus lacaios e a Grã-Bretanha com os seus parceiros. A sua estratégia operacional é ter sempre presentes duas soluções: uma solução interna e uma solução internacional.

Quando uma das alternativas está na iminência de conduzir à solução do problema, o imperialismo põe em movimento a outra alternativa.

Quando a situação interna é difícil para o regime, surge uma proposta que visa fazer crer ser a solução internacional a via mais rápida à libertação do Zimbábwe.

Quando a solução internacional está em vias de se concretizar, e Smith não tem, nesse plano, mais campo de manobra, surge sempre uma tentativa de solução interna. Smith aparece, então, como disposto a entregar o poder. O imperialismo encoraja a alternativa e arquiva todo o processo anterior.

Em 1965, a acção do Povo do Zimbábwe e a conjuntura internacional tornavam politicamente inevitável para a Grã-Bretanha a concessão da independência a esta colónia com a entrega do poder aos dirigentes nacionalistas

A proclamação unilateral da independência foi a primeira tentativa de uma solução interna com vista a isentar a Grã-Bretanha das suas responsabilidades políticas.

Recusando-se, pela primeira vez na história, a intervir militarmente numa colónia oficialmente em rebelião, o Reino Unido, com o apoio do imperialismo internacional, organizou a grande farsa diplomática.



*«Os nossos erros fundamentais derivam da tradicional boa vontade e honestidade africana. Há quinhentos anos que recebemos em África como irmãos, como homens, gente que muitas vezes vem com o objectivo de dominar e explorar»*

As sanções económicas, quando foram decretadas, surgiram ao mundo como uma grande vitória sobre o regime rebelde. A comunidade internacional engajou-se na sua aplicação. O imperialismo, contudo, nunca pensou na hipótese de deixar Smith isolado.

Enquanto a maioria dos países discutia as moções e preparava o isolamento do regime ilegal, os países imperialistas, com a cumplicidade e participação directa da Grã-Bretanha, iam estudando como contrariar e anular, na prática, os efeitos das sanções.

Concretamente, o capitalismo internacional nunca rompeu os seus laços económicos com Smith.

O aumento das esporádicas confrontações armadas entre grupos de guerrilha e as forças militares do regime racista alerta o imperialismo para o perigo da consolidação de uma luta armada popular no Zimbábwe.

Nas cadeias de Smith, Denek Robinson, chefe do Special Branch, contacta em 1969 Ndabaningi Sithole, e convence-o a renunciar à via da luta armada. Ndabaningi Sithole aceita, mas Robinson exige, em troca da sua libertação, que essa seja uma posição do Partido e não uma posição meramente pessoal. Os restantes dirigentes presos rejeitam a proposta de Smith, de que Sithole é mensageiro, pelo que a tentativa fracassa.

Em 1970, o colonialismo português, elemento essencial à estabilidade do regime de Smith, sofre a derrota decisiva na operação «Nó Gordio». O imperialismo compreende a importância estratégica da derrota.

O Governo britânico, lança nova ofensiva diplomática baseada nos seis princípios enunciados em 1965/1966, que culminará com o acordo entre Smith e Douglas Home.

No Zimbábwe, os partidos nacionalistas estão brandos. Os seus líderes na prisão. Nestas condições o relatório da Comissão Pearse não terá credibilidade internacional. Os nacionalistas compreendem a contradição que vive o imperialismo e fundam o African National Council (A. N. C.) em 1971 para a presidência do qual convidam uma figura religiosa, o bispo Abel Muzorewa.

Smith não pode proibir!

A Comissão Pearse concluiu que o Povo do Zimbábwe é contra o acordo entre Smith e Home. Contudo o imperialismo não saíra derrotado desta conclusão: favorecendo a estruturação do A. N. C. como um partido político, sob a direcção do bispo, pro-

cura que a resistência popular seja dirigida por uma estrutura que se opõe à luta armada.

Pouco depois, Abel Muzorewa começa a criticar e condenar a luta armada de libertação.

No mesmo ano em que se cria o ANC, James Chikerema desencadeia, na Zâmbia, a ofensiva divisionista, para a destruição da ZAPU. A própria ZANU é afectada por esta manobra. James Chikerema funda a FROLIZI.

Em 1974, a derrota do colonialismo português, põe em causa a correlação de forças na zona. O imperialismo intensifica as suas manobras, tentando evitar o triunfo da FRELIMO e do MPLA. Vorster esforça-se por criar condições e ganhar tempo para a subversão e a diplomacia dos imperialistas, admitindo pela primeira vez a hipótese de um diálogo para a transferência do poder para a maioria no Zimbábwe.

Com a constituição dos países da «Linha da Frente» e a derrota das desesperadas tentativas dos colonos de impedir a passagem do poder para as mãos do Povo moçambicano, a correlação de forças na África Austral evolui favoravelmente à causa da libertação dos povos.

Neste quadro, se desenvolvem os contactos preparatórios para a reunião de Victoria Falls, durante os quais se acorda a paragem da luta armada como con-

trapartida da libertação dos dirigentes nacionalistas encarcerados por Smith e da retirada das forças sul-africanas operando no Zimbábwe.

De Victoria Falls o imperialismo sai ainda vitorioso:

- o ANC fica dividido;
- a luta armada está paralisada;
- a comunidade internacional, desorientada e desmobilizada, não sabe quem, nem como apoiar, para a libertação do Zimbábwe;

Nestas circunstâncias, enquanto Smith, em Salisbury, tenta uma segunda solução interna, negociando com Joshua Nkomo, o imperialismo utiliza as suas forças disponíveis para invadir Angola.

A humilhante derrota que a República Popular de Angola impõe aos invasores, consolida o poder popular no País e torna irreversível a alteração da correlação de forças na zona.

O desprestígio do imperialismo é grande. As vitórias do Vietname, do Laos e do Kampuchea são factos ainda recentes na memória dos povos. As eleições presidenciais nos Estados Unidos aproximam-se.

Paralelamente, após o insucesso de Victoria Falls, os nacionalistas zimbabwianos afirmam a sua determinação em seguir a via da luta armada de libertação nacional, iniciam a reorganização das forças combatentes e criam o ZIPA.

Em 3 de Março de 1976, a República Popular de Moçambique decreta a aplicação integral das sanções ao regime ilegal.

Acelera-se o agravamento da situação interna do regime de Salisbúria.

No dia 19 de Março, uma sexta-feira, Smith rompe publicamente as negociações com Joshua Nkomo, em Salisbúria; desistem da solução interna.

Na segunda-feira seguinte, dia 22, o Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, falando ao Parlamento, apresenta uma nova proposta de solução.

O imperialismo, mantendo a iniciativa, substitui de novo uma solução interna desfavorável por uma proposta de solução internacional. Todo o problema se repropõe assim à discussão.

A proposta britânica preconiza uma conferência com todas as partes envolvidas para a discussão da independência do Zimbabwe.

No período preparatório para essa conferência cria-se a Frente Patriótica.

Em Genebra, surgem assim três delegações em representação do Zimbabwe. Na mesa, além da Frente Patriótica, sentam-se as delegações chefiadas por Muzorewa e por Sithole.

Os Estados Unidos estão presentes, como observadores.

Entretanto, no plano interno, o imperialismo ensaia a 3.ª solução, ao integrar no governo da Frente Rodesiana os chefes tribais Chirau e Ndiweni.

O resultado da conferência de Genebra é novamente favorável aos desígnios do imperialismo. A divisão entre os dirigentes nacionalistas agrava-se ainda mais. Smith, ao suspender as conversações sem uma ruptura, cria uma situação de expectativa e indecisão. Com o fim da Conferência de Genebra verifica-se uma grave crise no ZIPA. A luta armada diminui de intensidade.

Em face do abrandamento da luta armada, o imperialismo suspende, na prática, a implementação da solução internacional. Já não se fala de Genebra. É certo que os contactos com os países da «Linha da Frente» se intensificam neste período. Mas, o objetivo é corrigir as suas análises e aperfeiçoar os seus planos para o futuro, através das informações colhidas nos nossos contactos.

Quando, superada a crise, a luta armada volta a intensificar-se. De novo surge a iniciativa diplomática do imperialismo. A nova proposta anglo-americana é também a primeira proposta concreta do imperialismo.

O documento apresentava aspectos positivos para os nacionalistas. Contudo, continha também cláusulas que atentavam claramente contra a soberania do futuro Estado independente.

Se os nacionalistas, ou parte deles, recusassem a proposta, o imperialismo teria, sem dúvida, mobilizado a opinião pública para isolá-los, como intransigentes e terroristas.

Se, pelo contrário, os nacionalistas, na sua totalidade, aceitassem o documento, esta solução constituiria a salvaguarda da estrutura colonial de privilégios económicos e sociais e a capitulação do combate libertador.

A modalidade de aceitação aprovada pela Frente Patriótica e pelos países da «Linha da Frente» constituiu a opção mais desfavorável para as intenções do imperialismo.

No plano internacional, as várias Conferências e encontros da Frente Patriótica e dos países da «Linha da Frente», modificam o plano anglo-americano e fazem dele, cada vez mais, um documento favorável aos interesses do Povo do Zimbabwe.

Em face da perspectiva de uma evolução perigosa do plano anglo-americano, o imperialismo volta a utilizar a sua habitual estratégia.

Ian Smith, no dia seguinte ao da aceitação pública, desta proposta anglo-americana pela Frente Patriótica do documento como base válida para as negociações, reabre o diálogo com vista a regionalizar novamente o conflito e desresponsabilizar a Grã-Bretanha.

Desta vez, cabe a Ian Smith intervir para salvar a Grã-Bretanha de uma situação difícil.

A iniciativa de Smith comporta a sua 4.ª solução interna que viria a ser oficializada, a 3 de Março deste ano, com a assinatura do chamado Acordo Interno.

A resposta do Povo do Zimbabwe a este «Acordo» é uma ulterior intensificação da luta armada que leva os combates até aos subúrbios de Salisbúria.

A crise económica do regime agrava-se, de mês para mês.

A perspectiva da independência da Namíbia, com a derrota do plano para a solução interna que o imperialismo também tentou naquele País, reforçam as forças favoráveis à libertação dos Povos da África Austral.

Com o apoio dos países da «Linha da Frente», o plano anglo-americano é sucessivamente aperfeiçoado.

A luta armada desenvolve-se impetuosamente e cobre praticamente todo o País. Smith sente-se à beira do colapso.

Como única forma de, mais uma vez, ganhar tempo, Smith vê-se obrigado a não recusar as propostas anglo-americanas.

Em Junho deste ano, aceita participar na conferência de todas as partes envolvidas, num local fora do Zimbabwe. A República Popular de Moçambique é informada disso em 5 de Julho pelos anglo-americanos.

Participar na Conferência significaria discutir o desmantelamento do exército do regime, discutir os preparativos necessários para a independência, incluindo a organização das novas forças de defesa e segu-



«Para essa civilização cristã e ocidental a morte de uma dezena de colonos, mesmo que membros de uma organização para-militar, merece maior destaque do que o massacre de 600 refugiados zimbabwianos»

rança, bem como discutir a Constituição do Zimbabwe independente.

A Frente Patriótica aceita a participação de Smith na Conferência. É precisamente nesse momento, quando os anglo-americanos já não podem evitar a realização da Conferência Constitucional, quando, no plano externo e interno, os africanos signatários do «Acordo Interno» estão completamente desacreditados, em suma, quando a verdadeira independência do Zimbabwe está tão próxima que, mais uma vez, o imperialismo aplica a sua fórmula:

Smith reabre o diálogo para propôr a 5.ª solução interna, desviando, de novo, do plano internacional, a tentativa de resolução do problema. Isto evita à Grã-Bretanha a iminência de uma inequívoca tomada de posição.

Os jornais publicam que David Owen, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, está pronto a partir a todo o momento para a Conferência. Mas, não parte.

Smith reabre o diálogo para propor a 5.ª solução Joshua Nkomo, Chirau e Ndiweni, outros chefes tribais, personalidades religiosas, homens de negócios e até o chefe dos Serviços de Segurança do regime, Denek Robinson, são protagonistas desta ofensiva, que cria condições para o encontro directo de 14 de Agosto.

A posição com que o regime, em todos os contactos efectuados, se apresenta perante Nkomo, pode resumir-se nos seguintes pontos:

- o regime acusa Muzorewa de incapaz e Sithole de instável e confuso;
- o regime considera-se enganado por Sithole e Muzorewa que se teriam apresentado como capazes de conseguir o cessar-fogo quando, na realidade, não representam qualquer força significativa;
- o regime intitula-se representante da vontade do Povo do Zimbabwe;
- o regime, em nome do povo, convida Nkomo a assumir a direcção de um novo governo;
- o regime só aceita a inclusão de Mugabe no governo na medida em que isso é condição posta por Nkomo.

No decurso dos vários contactos o regime demonstra uma preocupação especial com a pessoa de Joshua Nkomo. Afirma considerá-lo como o único líder capaz de assumir a responsabilidade de dirigir o Zimbabwe.

Só hoje o regime reconhece estas qualidades naquele que manteve sob prisão durante uma década

precisamente porque exigia a independência. Porquê? Porque, sabendo que a Frente Patriótica é o representante legítimo do povo em luta, Smith tenta dividi-la para que deixe de constituir uma ameaça.

Nestes contactos, o regime apresenta Sithole e Muzorewa como sendo responsáveis pelo fracasso do chamado Acordo Interno de 3 de Março. Trata-se do mesmo regime que, para esse Acordo, apregou a todo o mundo as qualidades de Muzorewa e Sithole, como líderes moderados e realistas, como sendo os verdadeiros líderes do Povo do Zimbabwe. Se a Frente Patriótica tivesse aceite as recentes propostas de Smith, quanto tempo passaria até que os líderes da Frente Patriótica também fossem apresentados como incompetentes?

Muzorewa e Sithole, quando aceitam participar no governo de Smith, aceitam um compromisso, um compromisso selado pelos massacres, pelos enforcamentos, pela tortura, pelos campos de concentração, pela agressão militar contra o Povo do Zimbabwe e contra povos vizinhos.

O imperialismo, aliciando Sithole e Muzorewa com o «Acordo Interno», compromete-os, irremediavelmente, numa política contra o seu próprio povo.

Nos contactos com Nkomo, Smith despreza Sithole e Muzorewa, porque já os liquidou politicamente. Porém, quer explicitamente manter na cena política Chirau e Ndiweni, antigos e fiéis servidores do regime, ministros fantoches («Black Ministers») do governo da Frente Rodesiana.

Smith afirma estar pronto a renunciar ao poder desde que este passe a ser exercido por um governo capaz e que a transferência seja feita na ordem.

Todos nós estamos interessados em que o poder seja assumido por um governo capaz. Mas capaz de quê? Capaz de continuar os massacres, de continuar as agressões armadas, de continuar a opressão e exploração desenfreada do povo? Capaz de manter a economia colonial, de gerir com eficiência as estruturas de privilégio, de representar a estratégia do imperialismo na África Austral? Ou estamos interessados em que o poder seja assumido por um governo capaz de garantir a paz, a liberdade e o progresso, de defender os interesses do Povo do Zimbabwe?

Todos estamos interessados em que a transferência do poder seja feita na ordem. Mas o que significa isso? Significa não perturbar a estrutura de privilégio, o aparelho estatal, a polícia repressiva e o exército criminoso, ou significa acabar com a discriminação, acabar com a injustiça e garantir condições para o exercício da verdadeira democracia?

Um criminoso, chefe de um regime culpado de crimes contra a humanidade, um regime que todo o mundo exige que seja eliminado, não pode arrogar-se o papel de juiz da capacidade do governo que o substituirá ou de árbitro da transferência do poder. Isto é inaceitável.

A actuação da Grã-Bretanha e Estados Unidos demonstra que a convocação do Conselho de Segurança em 1977 para a nomeação do Comissário Residente e do Chefe militar da força das Nações Unidas, a mobilização da comunidade internacional para as sanções económicas, a afirmação de terem assumido as suas responsabilidades internacionais, não têm sido mais do que manobras para ganhar tempo.

É hoje claro que os governos britânicos e norte-americanos pouco ou nada fazem para desencorajar as manobras de Smith, que anulam as suas propostas de forma tão evidente. Nos próprios discursos públicos dos seus dirigentes, a Grã-Bretanha encoraja Smith a prosseguir as suas manobras.

Hoje, são os próprios anglo-americanos que nos vêm dizer que a iniciativa de Smith tem aspectos positivos!

Já haviam sido os anglo-americanos que tentaram fomentar a intriga e o choque de opiniões no nosso seio, dizendo que o «Acordo Interno» era um passo na direcção correcta. Contudo, nunca mencionaram quais os aspectos positivos que essa solução conferia.

Hoje, como ontem, o imperialismo é consequente na sua estratégia, a estratégia que utilizou na história recente do Zimbábue e, em particular, na fase que se abre a partir de 1974.

Hoje, como ontem, a preocupação fundamental do imperialismo, é dividir os Países que apoiam a libertação dos povos da África Austral, é eliminar o Movimento de Libertação.

### III

O aliciamento de dirigentes nacionalistas, levando-os à traição, ao suicídio político, é uma das constantes da acção do imperialismo, principalmente através do regime de Smith.

No actual governo de Smith, que prossegue a sua política de discriminação e de crimes, participam personalidades que, ainda há dois anos, pertenciam à direcção do movimento de libertação do País.

Qual foi o itinerário político que os conduziu à posição actual de inimigos do próprio povo e parceiros de Smith?

O bispo Abel Muzorewa fora escolhido pelos dirigentes nacionalistas, na prisão, para conduzir a campanha contra as propostas de Smith e Douglas Home que a Comissão Pearse submeteu ao Povo do Zimbábue em 1971/72.

O A.N.C., sob a direcção do bispo conseguiu, na realidade, mobilizar o povo e frustrar este plano do imperialismo.

Contudo, uma vez terminada a missão que lhe fora atribuída, o A.N.C. não se dissolveu e, na prática, tornou-se um partido político. Apesar de terem sido banidos todos os partidos e presos os seus dirigentes, o regime permite a continuação da actividade de Muzorewa. O ANC, em declarações do seu dirigente, toma posição contra a luta armada. É esta a primeira manifestação da contradição entre Muzorewa e a luta de libertação nacional. É este o primeiro sinal de um processo que visa fazer de Muzorewa uma personalidade com audiência internacional, alternativa à luta de libertação. Quando, mais tarde, participa nas várias manobras divisionistas, e finalmente, assina o «acordo interno» Muzorewa o não faz mais do que fechar o círculo da sua traição.

O reverendo Ndabaningi Sithole, também membro do Conselho Executivo saído do «acordo interno», foi um dos fundadores e presidente da ZANU. Em 1964 é preso com os outros dirigentes e o seu partido banido por preconizar a via da luta armada. Na prisão, Ndabaningi Sithole compromete-se directamente com Denek Robinson, chefe da policia de segurança rodesiana. Com o objectivo de ser libertado mais cedo, Sithole condena publicamente a via da luta armada e os combatentes que lutam e morrem em nome do partido de que ele é presidente. Esta traição de Sithole é o início duma trajectória que o levou, após a libertação, a manobras constantes para destruir a ZANU e, finalmente, à aliança com Smith.

James Chikerema é o «black minister» da Energia, Minas e Obras Públicas do regime. Após intensa actividade política em organizações juvenis nacionalistas, ele junta-se à ZAPU onde ocupa o cargo de presidente em exercício e representante de Joshua Nkomo, que se encontrava preso.

As suas tendências regionalistas e a ambição do poder, tornam-no facilmente manobrável pelo inimigo. Inicia uma acção divisionista sistemática, para destruir a ZAPU. Culmina esta acção desertando do partido que desorganizara e dividira, para criar a FROLIZI. Nos últimos anos, junta-se ao ANC de Muzorewa. Ao lado do bispo e com o «Acordo Interno», completa-se o processo da sua traição.



«... o Zimbábue não produziu um líder neocolonialista com prestígio suficiente para ser aceite pelo povo zimbabueano e pelo mundo. Foi para resolver este problema que o imperialismo tentou aliciar Joshua Nkomo. Ao recusar discutir o convite de Smith sem a presença de Robert Mugabe, Nkomo frustrou a oportunidade desta fase do plano»





*«É hoje claro que os governos britânico e norte-americano pouco ou nada fazem para desencorajar as manobras de Smith, que anulam as suas propostas de forma tão evidente. Nos próprios discursos públicos dos seus dirigentes a Grã-Bretanha encoraja Smith a prosseguir as suas manobras»*

Entre todos, Muzorewa, Sithole e Chikerema são os mais conhecidos traidores. Com eles estão Nyan-doro, Gabela, Maudaza, Malindi e outros.

A acção de aliciamento e descrédito de nacionalistas prossegue. Para isso, o regime utiliza os mais diversos agentes, chefes religiosos, chefes tribais, homens de negócios, simples cidadãos e colaboradores directos de Smith, como Denek Robinson, Ndiweni e Chirau.

Denek Robinson, o recrutador de Sithole na prisão, é o chefe da polícia de segurança do regime. Ndiweni, promovido a chefe tribal quando exercia funções de agente da polícia, foi ministro do governo da Frente Rodesiana. Chirau, também promovido a chefe tribal quando exercia funções de guarda prisional, foi deputado e ministro da Frente Rodesiana.

Estes dois chefes tribais, por ordem de Smith, fundaram, em fins de 1978, a ZUPO, na realidade uma subsecção da Frente Rodesiana. Trata-se de uma grosseira tentativa de organizar mais uma força de oposição à influência da Frente Patriótica no seio da população do Zimbabue. No seio da população negra, a ZUPO actua como departamento da polícia de segurança do regime.

São assim os colaboradores que Smith usa para recrutar agentes e renegados no nosso seio. São assim os lacaios que se atrevem a vir falar em nome do povo e se pretendem apresentar como defensores da paz e liberdade no Zimbabue. São assim os traidores a quem o imperialismo quer atribuir a estatura de homens dignos, homens políticos, homens capazes, e animados de boa vontade para um acordo sólido com a Frente Patriótica.

Quanto a Smith, as suas credenciais são bem conhecidas em Nyazónia, Chimoio, Tembuè, conhecem-nas bem as populações fronteiriças do Botswana, Moçambique, Zâmbia, os zimbabueanos nos campos de concentração, as viúvas e os órfãos dos mártires diariamente enforcados.

É Smith que, cinicamente, fala em nome do povo.

É Smith que, cinicamente, vem junto de nós passar certificados de incapacidade a Muzorewa e Sithole.

É Smith que nos insulta, ao pensar que pode encontrar no nosso seio, o herdeiro do seu regime.

É Smith que, com o maior desprezo pela ONU e OUA, pela Comunidade Internacional, que apenas reconhece a Frente Patriótica, arrogantemente pretende falar com um único indivíduo.

É Smith que, chefe do exercício bárbaro dos mercenários estrangeiros, se pretende apresentar perante nós como o defensor da unidade e da paz, o garante da estabilidade e da ordem, o interlocutor razoável que procura o diálogo.

É este Smith que tenta com que sejam a Frente Patriótica e os países da «Linha da Frente» a legitimar o seu regime racista, rebelde e ilegal, aceitando-o como interlocutor.

#### IV

Analisando os sucessivos projectos de solução interna da questão do Zimbabue e a política de aliciamento de antigos dirigentes nacionalistas, é possível compreender os grandes objectivos do mais recente plano de que Smith é porta-voz.

Ao tentar recrutar Nkomo, o imperialismo visa, fundamentalmente, provocar o fim da luta armada popular, esvaziar a luta de libertação do seu conteúdo verdadeiro

Para isto, e coincidindo com a eventual liquidação política de Nkomo, pretenderia criar a divisão da Frente Patriótica, lançar a confusão no seio do povo e desvirtuar a definição correcta do inimigo.

Ao tentar recrutar Nkomo para o governo de Smith, o imperialismo pretende integrar a ZAPU e receber o seu exército, na perspectiva formulada por David Owen, segundo a qual os que são crianças voltam para as escolas, os trabalhadores voltam para as minas, os camponeses voltam para os campos.

Na realidade, isto significa desactivar o exército do povo, desmobilizando os combatentes, os camponeses, operários e jovens, e manter o exército criminoso de Smith.

O imperialismo, com a divisão da Frente Patriótica, pretende também isolar Robert Mugabe e apresentá-lo perante a opinião pública como o intransigente, o racista, o extremista, o rebelde.

Ao eliminar a Frente Patriótica, ao travar o processo da luta de libertação, o imperialismo garantiria as condições para preservar, no essencial, as estruturas políticas e económicas do capitalismo colonial.

No plano internacional, o imperialismo tem por objectivo fomentar contradições entre os países da «Linha da Frente» e lançar a confusão no seio da OUA, para eliminar este importante instrumento da causa da libertação da África.

Tentando aliciar Nkomo, o imperialismo quer fazer surgir a luta de libertação como uma guerra civil entre facções do movimento de libertação, confundindo a comunidade internacional e desmobilizando o seu apoio. Estariam criadas, assim, as condições para propor na ONU o levantamento das sanções económicas.

A manobra para o aliciamento de Nkomo visa o envolvimento directo do imperialismo na região. Ao desmobilizar a comunidade internacional, ao colocar no poder um governo fantoche e ao criar um estatuto de guerra civil para a luta de libertação, o imperialismo criaria o pretexto para intervir militarmente na zona e generalizar o conflito armado, segundo a fórmula que aplicou já no Vietname e na Coreia, para cita apenas dois exemplos.

Há dois factores determinantes para a intervenção que o imperialismo prepara na África Austral.

Um, é a importância económica e estratégica da região. A chamada Rota do Cabo e os grandes recursos minerais existentes começam a ser decisivos para o domínio de sectores vitais à manutenção da hegemonia imperialista.

O outro factor é predominantemente cultural e está ligado à natureza racista do imperialismo. O destino dos colonos rodesianos e dos seus bens é um elemento muito importante para a estabilidade interna na República da África do Sul, bastião dos interesses do imperialismo na África Austral. Portanto, ele precisa de garantir e salvaguardar os privilégios dos colonos brancos.

O imperialismo ainda usa o regime racista de Smith na execução da sua estratégia, porque o Zimbábue não produziu um líder neocolonialista com prestígio suficiente para ser aceite pelo Povo zimbabueano e pelo mundo. Foi para resolver este problema que o imperialismo tentou aliciar Joshua Nkomo. Ao recusar discutir o convite de Smith sem a presença de Robert Mugabe, Nkomo frustrou a oportunidade desta fase do plano.

O objectivo fundamental da intervenção do imperialismo é desestabilizar e travar o processo de desenvolvimento dos países progressistas da zona, impedindo que eles se libertem da sua dependência e garantir a sobrevivência do sistema de exploração.

As várias propostas apresentadas pelo imperialismo, quer através da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos da América, quer através de Smith ou Chirau, contêm alguns aspectos sempre presentes.

1. Recusam que elas próprias sejam o resultado da luta armada. Elas são apresentadas como a via pacífica para solucionar o que a via armada não consegue.

O imperialismo está consciente de que a luta armada é o factor decisivo de evolução e das transformações da situação no Zimbábue. Por isso, quando a luta armada se intensifica, o imperialismo intensifica a sua actividade diplomática.

O imperialismo tem consciência de que a luta armada é o acto cultural mais elevado que liberta o povo dos complexos derivados da sua exploração, opressão e humilhação.

Para impedir este profundo processo libertador, os imperialistas engajam-se na divisão sistemática do Movimento de Libertação, na eliminação física ou política dos seus dirigentes.

2. As propostas visam legitimar o regime rebelde e ilegal de Smith considerando-o como parte imprescindível para qualquer solução. Assim, procuram legitimar também os direitos dos colonos.

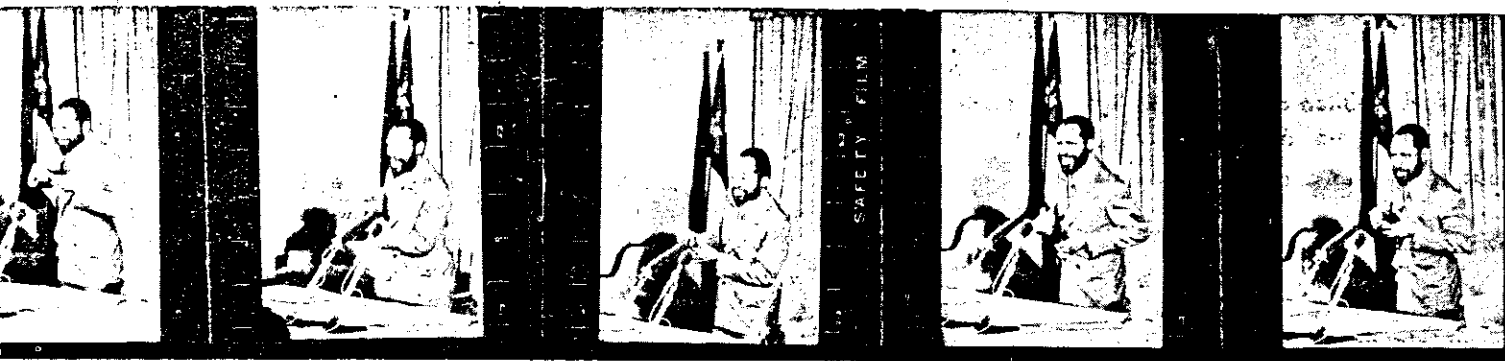
Smith é, para os meios de comunicação de massa do imperialismo, o representante dos colonos. A unidade dos interesses dos colonos é sintetizada na unidade em torno de Smith.

É significativa a metodologia utilizada pela propaganda imperialista.



«Hoje com a nossa capacidade defensiva reforçada, a nossa firmeza é ainda maior, a nossa determinação ainda mais intransigente»





*«Smith quer transferir o poder das suas mãos manchadas de sangue para aquilo que chama «mãos seguras»*

Quando, por exemplo, Sithole entrou em dissidência com a ZANU, passou a ser interessado como uma nova parte interessada. Quando aparecem os dois ANC, Muzorewa e Nkomo são considerados, imediatamente, como mais duas partes interessadas.

Os imperialistas vão ao ponto de considerarem parte interessada os próprios Chirau e Ndwiene organizados numa ZUPO que eles sabem ser criada e financiada por Smith.

No que se refere à Frente Rodesiana a atitude do imperialismo é diversa: as várias dissidências que se verificaram no Partido, Frente Rodesiana, não foram consideradas partes interessadas nas negociações por não representarem ninguém.

Em contrapartida, Sithole e Muzorewa, ainda que considerados pelo próprio Smith como não representativos, incapazes e politicamente inúteis, continuam a ser, para os anglo-americanos, partes interessadas.

A finalidade é contrapor à divisão dos zimbabwianos, a unidade dos colonos.

3. As propostas procuram defender a manutenção das estruturas do poder e, portanto, das estruturas sociais de privilégio. Agitando a bandeira do perigo do caos económico e social, o imperialismo pretende, na realidade, evitar que as transformações político-sociais do Zimbabwe independente determinem um colapso da economia colonial e capitalista.



*«Qual seria a reacção da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos da América se os 650 refugiados massacrados em Nyazónia fossem ingleses?»*

É nesta perspectiva que recusam, sistematicamente, a libertação pela luta armada e procuram transferir o poder das suas mãos manchadas de sangue para aquilo a que chamam «mãos seguras».

4. As propostas procuram salvar os interesses dos colonos e revelam a obsessão do imperialismo pela sua segurança. Para o imperialismo, os colonos são os representantes da Cultura, da Ciência e do Progresso, o factor da estabilidade social e garantia da civilização, a civilização ocidental.

Esta é a atitude racista que todas as iniciativas do imperialismo manifestam.

Para essa civilização cristã e ocidental, a morte de uma dezena de colonos, mesmo que membros de uma organização paramilitar, merece maior destaque do que o massacre de 600 zimbabwianos refugiados.

A sorte dos mercenários condenados em Angola mobilizou chefes de Estado. O assassinato quotidiano de zimbabwianos nas forças do regime ou nas masmorras da polícia merece, quando muito, escassas linhas, nas páginas interiores dos jornais.

Qual seria a reacção da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos da América, se os seiscentos e cinquenta refugiados massacrados em Nyazónia fossem ingleses?

Qual seria a sua atitude, se as dezenas de enforcados e assassinados pelo regime fossem norte-americanos brancos?

A África está repleta de exemplos recentes que permitem responder.

5. As propostas tentam fazer com que a independência apareça como concedida pela Grã-Bretanha ou por Smith, para que não surja como conquistada pelo povo.

É assim que, todas elas, surgem como resultado de gestos de boa vontade e não como determinadas pelo avanço da luta.

Diminuir a importância da luta armada e desprezar a existência da Frente Patriótica, são objectivos do imperialismo, para conseguir o cessar-fogo sem negociar.

6. As propostas consideram a República da África do Sul como factor imprescindível na implementação de qualquer acordo que venha a ser estabelecido, para a independência do Zimbabwe.

A República da África do Sul é o gendarme local do imperialismo, é a força que garante a defesa dos seus interesses e a defesa dos colonos.

## VI

Analisámos como o imperialismo acciona a sua estratégia das duas alternativas com uma coordenação impecável. A Grã-Bretanha e Smith são duas faces duma mesma moeda, a moeda do imperialismo.

Smith é apenas o representante dos colonos estacionados no Zimbabwe. A sua força, a capacidade de sobrevivência do seu regime residem, desde a proclamação unilateral da independência, no apoio do imperialismo. O regime de Smith é um regime anacrónico, um eco de soluções do século passado, que o imperialismo sustenta, para ganhar tempo, para procurar o seu substituto, a solução neocolonial. Smith é ainda útil para o imperialismo. Mas só provisoriamente. Porém, o imperialismo é imprescindível para Smith.

É por isso que, quando definimos como interlocutor para as negociações a Grã-Bretanha, quando a forçamos a assumir as suas verdadeiras responsabilidades, estamos a fazer uma coisa justa, uma coisa boa.

E, exactamente por essa solução ser correcta, a Grã-Bretanha mobiliza toda a sua influência para deixar, de novo, o papel de protagonista.

Ela só aparece quando a situação de Smith é desesperada.

A Grã-Bretanha, sendo a potência destacada pelo imperialismo para zelar pelos seus interesses no Zimbabwe, é o único e verdadeiro interlocutor para as negociações.



*O resultado da Conferência de Genebra é novamente favorável aos designios do imperialismo. A divisão entre os dirigentes nacionalistas agrava-se ainda mais. Smith ao suspender as conversações sem uma ruptura, cria uma situação de expectativa e indecisão.*

## VII

Quando a nossa economia estava em crise de transformação, quando os técnicos estrangeiros abandonavam as nossas unidades de produção, quando os agricultores mais importantes matavam o gado, sabotavam as máquinas e deixavam os campos por cultivar, quando o nosso povo enfrentava a acção enraivecida dos colonos, nós aplicámos as decisões da comunidade internacional, encerrando as fronteiras com o regime ilegal. Para o nosso povo, engajado na reconstrução nacional, esta decisão representou um pesado sacrifício económico e financeiro.

Invidiosos e agredidos continuamente pela brutalidade assassina do regime racista, mantivemo-nos firmes e resolutos no apoio ao Povo do Zimbabwe.

Hoje, com a nossa capacidade defensiva reforçada, a nossa firmeza é ainda maior, a nossa determinação é ainda mais intransigente.

O internacionalismo do nosso povo forjou-se e desenvolveu-se na luta armada de libertação nacional, alicerça-se em princípios sólidos, vive na nossa prática quotidiana, é um elemento essencial da nossa cultura, da personalidade Moçambicana.

Nascida da Luta Armada de Libertação Nacional, a República Popular de Moçambique, como País livre e soberano, apoia hoje, e continuará a apoiar, a heróica luta do Povo do Zimbabwe pela sua libertação.

Recusamos firmemente a concepção de que a via da Luta Armada e a via das negociações sejam, quer alternativas, quer contraditórias, no processo da Libertação Nacional.

Nós não amamos a guerra mas acreditamos que, quando a contradição é antagónica e insolúvel, só a guerra traz a paz.

O nosso povo costuma dizer que «para tomar chá é preciso aquecer água e ficar perto da fogueira».

As conversações são um factor importante para a vitória, mas não são o factor decisivo.

Estamos claros de que, nestas circunstâncias, as negociações são sempre um resultado da luta armada vitoriosa.

A República Popular de Moçambique considera que a luta armada é o factor principal e decisivo da vitória.

A República Popular de Moçambique apoia o Povo do Zimbabwe na sua justa luta armada pela Libertação da Pátria.

A República Popular de Moçambique apoia resolutamente a Frente Patriótica, representante legítima das aspirações do Povo do Zimbabwe.

Zimbabwe será independente.

O Povo do Zimbabwe vencerá.

A África triunfará.

**A LUTA CONTINUA!**